

FLÔR DE NEVE

Locutor

(3 Atos de Érico Graner)

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL, FUNDE COM MUSICA ONDE HAJAM SINOS EM FUNDO.

LOCUTOR - Aqui estou, ouvintes, para apresentar-lhes Flôr de Neve. Não a conhecem? Pois bem, ela aqui está. É uma senhora simpática, de cabelos quasi todos brancos, voz bonita, gestos calmos, olhar triste-nho e tranqullo. Tem a suavidade dos crepúsculos de outono e o co-ração sempre aberto aos sofrimentos alheios. Ela vai falar agora e eu tenho a certeza absoluta de que as suas palavras ficarão soando, no espirito daqueles que a escutarem, como um apêlo angustioso de bondade... de tolerancia... e de perdão!...

CONTROLE - SOBRE POR MOMENTOS A MUSICA COM SINOS E VOLTA A B/G.

Flôr - Eu sou Flôr de Neve. Por que? Não sei. Em tempos que já vão longe alguem me chamou assim e o nome, para sempre, me ficou. Talvez por ter a pele muito alva, ou então por ter fechado o coração, bem cedo, na urna indevassavel da descrença. Enfim... por isso ou por aqui-lo, a verdade é que o nome me ficou e ~~comigo~~, ~~atravessou~~ uma existência. Bem quizera esquecê-lo... mas não me deixaram. A malda-de, o rancor e a intolerância foram buscá-lo, lá, onde o deixara, e de novo o trouxeram para mim. Foi êle a minha ruína. Si êle não ti-  
*eu pudesse ter sido*  
vesse existido em minha vida, talvez ~~eu pudesse ter sido~~ fe-liz! Mas o mundo é assim. O mundo é mau e não perdôa, nunca, a quem ande descalça sobre ~~pedras~~ *cardos* e não resista à dôr dos pés feri-dos, buscando a maciez de outros caminhos. Se houvesse compreensão, se houvesse tolerância, se os felizes soubessem perdoar!... Como a vida seria diferente!... E Jesus foi assim. Perdoou sempre... mas os homens se ferem e se infamam, esquecendo o exemplo de Jesus!...

CONTROLE - SOBRE A MUSICA EM FUNDO E FUNDE COM NOITE SILENCIOSA EM B/G.

Padre - (projetando) Meus paroquianos: o Natal se aproxima e eu, mais uma vez, venho lembrar-vos as criancinhas pobres desta paróquia. É pre-ciso que os bondôses corações trabalhem por elas, para que, ao des-pertar daquele dia, possam, todas, encontrar nos seus humildes sapa-tinhos um brinquedo qualquer.

CONTROLE - SOBRE A MUSICA EM FUNDO E FAZ TRANSIÇÃO.

- Bemvinda - (ditando) Quatorze bonecas... uma dúzia de bolas... cinco mobí-  
lias... quatro livros de histó...
- Altamira - (cortando) Um momento, dona Bemvinda. Eu estava contando as pe-  
tecas e não anotei o que a senhora ditou. (como quem escreve)  
Quatorze bonecas... uma dúzia de bolas...
- Bemvinda - ~~É~~ cinco mobílias... e quatro livros de historia.
- Altamira - (depois de pausa, repetindo) Cinco mobílias... quatro livros de  
historia. Mais alguma coisa?
- Bemvinda - Não, dona Altamira, já está tudo relacionado.
- Altamira - Tivemos uma colheita bem farta. Acredito que o senhor vigário  
vá ficar satisfeito.
- Madalena - (em terceiro plano) Dona Altamira, tem uma senhora aí que dese-  
ja falar-lhe.
- Altamira - Não disse quem é?
- Madalena - (2º plano) É aquela que mora no sobrado côm de rosa da rua do  
Imperador.
- Altamira - O que?!... A tal viuva que ninguem sabe quem é? Parece-lhe que  
devo recebê-la, dona Bemvinda?
- Bemvinda - Mas é claro, dona Altamira! Será uma oportunidade para ficarmos  
sabendo alguma coisa sobre a vida dela.
- Altamira - Tem razão. (para 2º plano) Diga-lhe que entre, Madalena.
- Madalena - (afastando-se) Sim senhora.
- Altamira - Eu desconfio muito da maneira de viver dessa creatura, a senho-  
ra sabe, dona Bemvinda?
- Bemvinda - Eu também. Outro dia me encontrei com ela no armazem do seu  
Xisto. Ela tentou sorrir mas eu fingi não entender e não lhe  
dei a menor confiança. Eu sei lá quem é para estar me expondo  
a cumprimentá-la em público?
- Altamira - Claro. Fez muito bem. (baixa mais o tom) Cuidado, aí vem ela.  
(alto, disfarçando) O senhor vigário vai ficar muito satisfei-  
to conosco. (fingindo) Ah! Tenha a bondade de se aproximar.
- CONTRA RIGUA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMA.
- Flôr - (aparece, mas solida) Boa tarde.

Altamira - Tenha a bondade de sentar-se.

CONTRA REGRA - RUIDO DE CADEIRA ARRASTADA.

Flôr - Obrigada. A demora é pouca. Antes, entretanto, eu peço licença para me apresentar às senhoras, já que não nos conhecemos. Sou Carolina Reginaldi e resido em Pureza há pouco mais de dois meses.

Altamira - Altamira Corrêa Fonseca de Menezes. Aqui minha amiga dona Bemvinda Heleodora de Campos Nacelle, secretária das Damas de Caridade.

Flôr - Muito prazer, minha senhora.

Bemvinda - (hostil) Obrigada.

Flôr - Aliás, eu tenho a impressão de que, de vista, já nos conhecíamos.

Bemvinda - (seca) Não me lembro.

Flôr - Bem, mas isto não vem ao caso. Como soube que andaram percorrendo as casas da vila, angariando donativos e não me procuraram, vim trazer-lhes a minha contribuição.

Altamira - Talvez a sua casa estivesse fechada, quando passamos por lá...

Bemvinda - É melhor que se diga logo a verdade, dona Altamira. Ficamos com receio de entrar por não conhecê-la. A senhora desculpe a franqueza, mas seria muito desagradável a duas senhoras viúvas e decentes, entrarem numa casa cuja moradora não se sabe quem é.

Flôr - Dou-lhe toda a razão. E foi justamente imaginando isto que resolvi trazer aqui a minha colaboração, para que as orfandinhas pobres não ficassem sem ela. Sempre tive muita pena delas, neg se dia e tanto assim que lá, onde morava, eu promovia, sempre, uma distribuição de doces e brinquedos.

Bemvinda - E onde morava a senhora, antes de vir para cá?

Flôr - Em Barro Azul. No outro confin do Estado.

Altamira - Eu sei onde é. Casualmente tenho um sobrinho que mora lá.

Bemvinda - A senhora é casada?

Flôr - (depois de pausa, indecisa) Sim... quer dizer... perdi meu marido há muitos anos.

Bemvinda - Ah. (Pausa Breve) Tem filhos?

Flôr - (idem) Não. Quer dizer... Tive um mas perdi muito pequeno.

Bemvinda - Mora só? Não tem conhecidos aqui em Pureza? Não recebe visitas?

Flôr - Não senhora. Estou ha pouco tempo aqui, não conheço ninguém.

Altamira - Pois então aconselho-a a que tenha muito cuidado nas suas relações. Principalmente no que diz respeito ao sexo masculino. Pureza é um lugar muito pequeno mas muito exigente nos seus princípios de moral.

Flôr - Agradeço-lhe a generosidade do aviso. (Tom) Bem... aqui tem a minha contribuição e se precisarem que as auxilie em qualquer coisa...

Altamira - Muito obrigada, mas já estamos com tudo organizado. E como Presidente das Damas de Caridade agradeço-lhe a oferta.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL, BEM RÁPIDA. (BASTA UM ACORDE)

Bemvinda - (Abelhuda) Quanto foi que ela trouxe? Veja depressa, D. Altamira.

Altamira - (lepois de pausa) Dona Bemvinda!... Veja! Veja!...

Bemvinda - Va conto de reis!... F, essa!... Deve ser muito rica, ou então... ganha o dinheiro com muita facilidade.

Altamira - Deixe que eu vou tirar isso a limpo muito em breve. Vou escrever hoje mesmo ao meu sobrinho em Barro Azul.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

Bemvinda - H, xxi!... Graças a Deus que terminou essa distribuição. Que crianças horríveis!... Mal cheirosas, impertinentes, sujas... Eu só conseguia contê-las com beliscões. E a senhora acredita que uma me deu uma cuspada?

Altamira - É uma coisa tremenda! Um sacrifício tão grande que só mesmo pelo senhor vigário eu me animo a repeti-lo todos os anos.

Bemvinda - A gente fica extenuada! Também... só nós é que trabalhamos. A senhora não viu a dona Balmacéa? Sentou-se numa cadeira e ficou.

Altamira - Disse que estava muito atacada das varizes e veio só para fazer um de presença.

Bemvinda - Varizes! Pois sim! Eu sei que espécie de varizes ela tem nas pernas, só que eu conheço com outro nome. (Tom) Bom, cala-te boca.

Ah, é verdade, a senhora soube que a viuva de sobrado cor de rosa, na rua do Imperador, esteve espiando todo o tempo, lá da esquina, a nossa distribuição?

Altamira - Com certeza para fiscalizar o que as crianças recebiam.

Bemvinda - Ou com a esperança de que nós a convidássemos para tomar parte

parte na distribuição. Essa gente procura todos os meios para se in-  
filtrar entre as pessoas honestas.

Altamira - Bem, mas nós ainda não sabemos que ela não o seja. Não devemos nos precipitar, dona Benvinda.

Benvinda - Ora, não sabemos! Eu, por mim, estou certa. A senhora pensa que esqueci a indecisão que ela ficou quando lhe perguntei si era casada? Isso é bisco, pode crer.

Altamira - Mas si for, aqui, em Purusa, ela não ha de encontrar campo fértil para as suas atividades porque terá pela frente todo o exercito das Damas de Caridade. Aguardemos a resposta do meu sobrinho.

#### CONTROLE - SEPARAÇÃO MUSICAL.

Altamira - (tom de discurso) Minhas caras colegas: mandei reuni-las em caráter de urgencia para dar-lhes a soluçao de uma pesquisa que mandei fazer, em nome da decencia e da conservaçao dos bons costumes na sociedade de Purusa. Creio que todas já sabem de quem se trata e por isso deixarei de alongar-me sobre o assunto que - diga-se de passa-  
gem - é bastante desagradavel.

Benvinda - (afastada) Repugnante é que é.

Altamira - Recebi carta do meu sobrinho que reside em Barro Azul e as informa-  
ções que lhes posso dar é de que a mocradora do sobrado cor de rosa,  
da rua do Imperador, teve, na sua mocidade, um romance de amor com  
um rapaz que lhe deixou um filho e se casou com outra.

Benvinda - Pouca vergonha!

1ª Dama - Indecencia. Incredulidade!

Altamira - Ouçam o resto. Quando não pode mais esconder o seu crime, fugiu  
da casa do pai que nem se preocupou em descobrir-lhe o paradeiro.  
Alguns anos mais tarde soube-se, em Barro Azul, que ela estava ~~trabalha~~  
ganhando a sua vida, na cidade de Bananais, numa casa de tolerancia  
onde era conhecida pela alcunha de Flor de Neve.

1ª Dama - Mulher perdida!

Benvinda - Desbriada. Vagabunda!

Altamira - Esperem que ainda tem mais: um pouco mais tarde, reunindo um capi-  
tal razoavel, retirou-se para a cidade de Umbú, onde se dizia viu-  
va, fazendo uma vida pacata e aparentemente virtuosa. (Pausa e tom)  
Diante disto, resolvi reunir todos os membros da nossa Associação,  
para deliberarmos que atitude deveremos tomar com relação a essa

para desenvolvermos esta atitude deveremos tomar com relação a essa mulher.

1ª Dona - Acho que deveremos fazer um memorial ao senhor Prefeito, exigindo que ele seja expulsão da nossa vila.

Benvenida - Eu penso que devemos expulsá-la nós mesmas, as senhoras honestas e decentes que sabemos relatar pela moralidade deste lugar.

Altamira - O senhor vigário é de opinião que não podemos fazer nada sem que a senhora seja surpreendida numa falta qualquer.

1ª Dona - O senhor vigário é bom demais e para esta espécie de gente não se pode ter bondade no coração.

Benvenida - Não é a neve! A suprema ironia! Justamente a neve que é tão branca!

1ª Dona - Mas se o senhor vigário se opõe a que a expulsamos sem uma prova, que poderemos fazer?

Altamira - Acho que todas deveremos explorá-la, a partir de hoje, para que ela seja surpreendida em falta e expulsada com a mais depressa possível. Estão de acordo?

VOZES - Perfeitamente. De imediato acordo.

Benvenida - Não é a neve! Oh, meu Deus, que suprema ironia!... Por que não fazes justiça pelas tuas mãos, meu pai? Por que não fazes cair logo um raio no sobrado onde se mora de rua do Imperador?

CURTINA - CORTINA AGITADA, VEM COM HOMEM EM PELOS QUE CAI EM D/C.

Padre - Mais um ano se extingue o outro Natal se aproxima. É o velho pastor das vossas almas, mais uma vez, vem apelar para as vossas bondosas orações. São dezenas de pobres pequeninos que encontrarão vossos dons caridosos, se mostrarmos desprazo e indiferença.

CURTINA - SOB O PUNTO E CORTE.

Padre - Venho aqui uma última contribuição que me veio trazer a senhora do sobrado onde se mora, dizendo que mais um vez as minhas irmãs não foram procuradas.

Altamira - Claro que não fomos e acho que o senhor deveria devolver esse dinheiro porque todas estamos a favor de onde ele procede.

Padre - Está errada, minha filha. Em primeiro lugar porque o seu procedimento, aqui, tem sido irreprochável; e em segundo lugar porque as informações daquela parte podem ter sido exageradas e - porque não dizer? - até mesmo mentirosas. Em terceiro lugar, porque não nos cabe

o direito de humilhar ninguém e por último, admitindo mesmo que as faltas da sua mocidade tenham sido verdadeiras, uma vez que ela hoje se porta com decência, devemos imitar o exemplo de Jesus e perdoar.

Altamira - (enjoada) Ah senhor Vigário, senhor vigário! O seu grande coração é que lhe perde.

Padre - Não, minha filha, o meu código de fé é que me salva.

CONTROLE - SEPARAÇÃO MUSICAL.

Menina - Eu vim aqui que o seu Viana da Botica me ensinou que eu viesse falar com a senhora que o meu irmãosinho tá muito doente e o doctor disse que ele vai morrer. Ele ontem mandou pedir uma bola pro papai Noel mas o papai Noel não levô. A mãe mandô eu ir no salão da igreja falar com as moça que vão distribuir brinquedo hoje de tarde, mas elas não quisero me dá porque dissero que eu não tinha cartão. Então o seu Viana disse pra mim que eu viesse falar com a senhora que a senhora é muito boa e que arranjava a bola pro meu irmãosinho, coitadinho.

Flôr - Não vai ser fácil, minha filha. Hoje é dia de Natal, o comercio está todo fechado... Em todo o caso, diz onde tu moras que si eu conseguir irei lá levar.

Menina - Eu moro num ranchinho de barro que tem anssim logo que se atravessa a ponte, depois que passa o cimetério. Mas a senhora tem que arranjar já a bola que seja hoje, porque o doctor disse que até de noite ele vai morrer.

Flôr - Está muito bem. Eu vou tratar disto imediatamente.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

Flôr - Por favor, o senhor me desculpe... Eu tenho batido em tantas lojas e nenhuma quiz me atender. É um meninozinho que está muito mal...

Homem - (brusco) Eu já conheço de sobra essas cantorias. Quando a loja está fechada eu não atendo ninguém. Hoje é dia de descanso.

CONTRA REGRA - PORTA QUE BATE COM RUDEZA.

Flôr - Oh meu Deus! Como se pode ser assim insensível?! E agora só me resta aquele Bazar. Depois... não terei mais a quem recorrer.

~~CONTROLE~~ CONTROLE - RÁPIDA PASSAGEM MUSICAL.

Isa Dama - Era aquela desavergonhada do sobrado cor de rosa da rua do Imperador. Queria que eu lhe vendesse uma bola de borracha. A tal de Flor de Neve. Dei-lhe uma corrida e ainda lhe bati com a porta na cara.

CONTROLE - RÁPIDA PASSAGEM MUSICAL.

CONTROLE - RÁPIDA PASSAGEM MUSICAL.

- Altamira - Lamentamos muito mas não é possível atendê-la. Temos o número exato de brinquedos para os cartões que distribuímos.
- Flôr - Eu peço perdão pela minha insistência, mas é um caso todo especial.
- Bemvinda - Essa história de irmãosinho à morte é uma boa simulação "como tantas outras" que nós conhecemos.
- Flôr - Afianço-lhe que não é simulação. Eu estive lá e vi com os meus próprios olhos. Venda-me uma bola. Eu pagarei o que me pedir.
- Bemvinda - Eu tenho visto criaturas insistentes, mas como a senhora eu desço zheço. Já se disse que não pode ser e está acabado. Ou a senhora quer que eu ou dona Altamira nos transformemos em bolas?
- Altamira - (rindo) Acho que um milagre desses a senhora não consegue, nem mesmo com todas as suas virtudes e merecimentos.
- Flôr - Foi uma boa ideia que a senhora me deu. Vou entrar na Igreja e pedir a Deus que me conceda uma forma de poder levar essa suprema alegria ao pequenino enfermo. Queiram desculpar se as incomodei tanto, sim? Passem bem.

CONTRA NEGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM.

- Bemvinda - A senhora viu o que ela disse? Vai à Igreja. Não é uma petulância dessa mulher?
- Altamira - Com certeza vai rezar para "Nossa Senhora Das Neves" na esperança de que ela nos amoleça o coração.
- Bemvinda - Isso até é um sacrilégio uma mulher dessas dentro de uma igreja! Ah que se eu fôsse vigário numa hora dessas!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL AGITADA, FUNDE COM MUSICA RELIGIOSA QUE FIGA EM D/G

- Flôr - É pouco o que te peço, Senhora Nossa! Pelos sete punhais que tens no peito, ilumina o meu cérebro cansado para que o pobresinho não morra sem que eu possa atender o seu desejo. Si o visses como eu vi! Olha aquela choupana, num momento e eu... (suspende bruscamente. Transição) O menino Jesus de Praga... com a bola na mão!... Obrigada, senhora! Mil vezes obrigada! Eu sabia que tú me atenderias. (Tom) A igreja está vazia. É a ocasião de tirá-la sem que ninguém veja. (SOBRE DOIS OU TRÊS DEGRAUS) Perdôa, meu Jesus. Eu a trarei de volta para ti, quando os olhos daquele pobresinho não



- 9 -  
mais pudera fixar-se nela.

CONTROLE - SOBRE A MUSICA DE FUNDO E FUNTE COM CORTINA AGITADA.

1ª Dama - (chegando, ofegante) Dona Altamira! Dona Altamira! A falta que esperramos com tanta ansiedade! Eu vi. Ninguém me contou. Juro que vi! Eu estava no côro, ela pensou que a igreja estava vazia e roubou a bola da mão do menino Jesus de Praga.

Altamira - Não é possível! Mulher sacrilega!

Bemvinda - Uma ordinária é o que ela é. A bola é de ouro e ela sabe que vale muito bom dinheiro.

Altamira - Mas isso não fica assim. Antes que o senhor vigário apareça, vamos depressa dar parte à polícia.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO 1º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA INÍCIO DO SEGUNDO ATO.

Delegado - Vamos, por que insiste em não falar?

Flôr - Porque assim é preciso.

Delegado - Mas então não compreende que enquanto persistir nessa teimosia que eu serei obrigado a conservá-la presa?

Flôr - Não faz mal. Já lhe confessei a autoria do furto com receio de que pudessem acusar um indigente. Acho que é o bastante, não?

Delegado - Engana-se. Precisamos encontrar o objeto furtado. Onde o escondeu?  
(Pausa) Vamos, fale. (Pausa) Pense bem e não me obrigue a tomar uma atitude violenta.

Flôr - Já lhe disse que nada mais tenho a declarar, senhor delegado.

Delegado - Está bem. Vai sofrer as consequências da sua teimosia e não terá para quem apelar.

Flôr - Não me queixarei. Sei muito bem o que estou fazendo.

Delegado - Pois então ha de ter o que deseja. (alto) Guarda, leve-a de volta para as grades.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL AGITADA.

Bemvinda - (chegando, afobada) Dona Altamira! Dona Altamira!

Altamira - Que houve, dona Bemvinda?

Bemvinda - Fui atender a uma lavadeira que solicitou o auxílio da nossa Associação e encontrei, por acaso, no caminho, aquela menina que no dia de Natal veio aqui nos pedir uma bola de borracha para o irmão que ela disse estar agonizante. A senhora se lembra?

Altamira - Claro que me recordo, óra essa.

Benvida - Foi eu me aproximei dela, dei-lhe uns nickels que levava na bolsa e consegui que ela me dissesse onde morava. É muito longe daqui mas precisamos ir lá imediatamente.

Altamira - Eu sei perfeitamente que a bola tem que estar lá, dona Benvida, mas a questão é que se chegamos a encontrá-la, a tal de Flôr de Neve talvez seja libertada e isso nós não devemos desejar, afinal de que ela possa pagar muito bem pagas as suas culpas passadas.

Benvida - Mas a questão é que poderemos arrebatá-la, para que ela não seja extravada e conservá-la, depois, escondida em nosso poder, o tempo que nos parecer.

Altamira - Sim, sim, tem razão... Eu nem sei como não me lembrei disso antes. Vamos lá, então.

#### GOVERNOR - PASSAGEM MUSICAL.

Altamira - A senhora perdeu um menino de quatro anos pela época do Natal, não foi?

Mulher - (chorosa), Perdi, sim, dona. Falei quase um mês que ele se foi-se o pobrinho. Uma febre nervada. Foi secando o coitadinho... foi secando... foi secando e o doutor teve aqui mais num pôde mais dá vorta.

Altamira - Diga-me: naquela ocasião não esteve aqui uma senhora de cabelos brancos, com uma saia = xadrez e um casaco preto?

Flôr - (voz de sopro) Não diga a ninguém que eu estive aqui. Se disser, poderá me fazer um mal muito grande, em troca do bem que vim fazer ao seu filhinho.

Mulher - Num sinhora. Nem me lembro de vim ninguém, num sinhora.

Benvida - A senhora está mentindo. Ela foi vista entrando aqui e sabe-se que deixou com o seu filho uma bola dourada. Entregue-me essa bola si não quiser vir a ter sérias complicações com a polícia, vamos.

Flôr - (voz de sopro) Assim que ele tiver fechado os olhos, escondo essa bola e mando a menina à direita caso avistar-me que eu virei buscá-la. Mas não a entregue a ninguém, ouviu bem? A ninguém.

Mulher - A sinhora tá ingrata, dona. Uma tem bola nenhuma aqui... Pode procurar pelo rancho todo. Si a sinhora achá alguma não levá.

perceará que rancho tudo. Se a senhora achá alguma pode levá.

Berwinda - Então a desavergonhada mentiu mais uma vez. Era mesmo o que eu supunha: roubou para ela mesma.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL AGITADA.

Flôr - (contente e encoimada) Padre Bernardino!... O senhor... o senhor veio me visitar?

Padre - Sim, minha filha. Vim para conversar contigo.

Flôr - Que bom! O senhor nem imagina como estou contentel

Padre - Não pude vir antes, porque a enchente me reteve do lado de lá do rio quasi *vinte* dias. Foi lá atender um scribundo, na mesma noite caiu um tremendo temporal e eu fui obrigado a ficar por lá. Só agora o panto baixou e nos deu passagem. Desde o dia em que soube do acontecido, desejei vir aqui ver-te e falar-te, mas parece que Deus não quis que assim fôsse. Hoje por uma coisa, amanhã por outra, logo de pois essa minha viagem ao outro lado e somente agora é que pude vir.

Flôr - Com toda a certeza vai também repriminar-me.

Padre - Não sei, minha filha. Preciso primeiro ouvir-te para depois julgar-te. (Pausa) Fôste tu, realmente, quem roubou a bola de ouro do Menino Jesus de Praga?

Flôr - Sim, meu padre. Foi eu.

Padre - E por que fizeste isso?

Flôr - (depois de pausa, lentamente) Padre, eu vou lhe contar tudo, mas desde o principio. Quer ter a paciência de ouvir?

Padre - Está claro, minha filha.

Flôr - (depois de pausa) Eu perdi minha mãe quando pequena e meu pai, alguns anos depois, se casou novamente com uma viuva que, por sua vez, tinha tambem um filho pouco mais velho que eu. Como orfanços, fizemos logo a melhor camaradagem e brincavamos sempre juntos. Um dia - estava eu, então com 14 anos e êle com pouco mais de 15 - fomos passear a tarde numa chácara onde morava uma irmã da minha madrastra. Havia um rio que passava nos fundos e quizemos pescar. Preparamos as varas e lá nós fomos alegremente.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL DE REMINISCENCIA, FUNDE COM PASSAPÓS EM B/G.

Flôr - (contendo a voz) Eu estou cansada e já vi que aqui não há peixe.

Flôr não ballouam + 1900.

Eles nem boliscam a isos.

Alfredo - Espere mais um pouquinho, Lina. Pescaria é assim. O peixe demora nas depois cãe.

Flôr - Não quero mais. Vou me deitar aqui na relva para descansar.

Alfredo - Então também não quero mais. Pescar sozinho não tem graça. Vou me deitar, também, e tirar uma boa soneca.

Flôr - (depois de pausa) Ih, Alfredo, você se deitou quasi em cima de mim. Chegue um pouco mais para lá.

Alfredo - Pra ficar no sol? Nesse caso chegue você pra lá.

Flôr - É, espertinho! Ai quem fica no sol sou eu. Eu escolhi a sombrinha e me deitei primeiro. Chegue pra lá, anda.

Alfredo - Eu daqui não saio. Se você está incomodada procure outro lugar.

Flôr - Ah, não sai, é? Pois eu vou lhe fazer sair.

Alfredo - (rindo como quem sente cócegas) Não, Lina, não. Não me faça cócega, pelo amor de Deus.

Flôr - Faça. Enquanto você não sair eu ficarei fazendo.

Alfredo - (respiando) Ah, é? Pois então eu vou lhe torcer o braço e quero ver se você continua.

Flôr - Ai, Alfredo, não. Não faça assim que você está me machucando.

Alfredo - Promete que não faz mais? (Pausa) Promete ou não promete?

Flôr - (depois de pausa) Alfredo?... Que é isso?... Você... você está me abraçando, Alfredo?

Alfredo - (depois de pausa) Que coisa estranha o que eu estou sentindo, Lina!

Flôr - (assustada) Que é?

Alfredo - Não sei explicar. Acho... acho que foi o perfume dos seus cabelos. Nunca havia reparado como eles são bonitos. São macios... sedosos... faz gosto a gente ficar assim, passando a mão por eles... Coisa ex-  
tranha, realmente... Como pode passar tantos anos perto de você sem ver que você é tão linda?

Flôr - (assustada) Alfredo! Que é isso?

Alfredo - Não se assuste que eu não vou lhe magoar. (Pausa) A sua boca... a sua boca é linda. São lábios são cerrados... são vermelhos...

Flôr - Alfo... (corra a palavra um beijo. Pausa. Suspiro. Nova pausa. Cur-  
si sem voz) Alfredo!... Você... você me beijou, Alfredo!...

Alfredo - Eu... eu não pude resistir, Lina. Perdôe.

Flôr - (Pausa longa) Não fique triste, Alfredo. Que tem um beijo de mal, não é mesmo? Vamos esquecer o que passou.

CONTROLE - ARPEJO RÁPIDO.

Flôr - (voz inicial) Vamos esquecer o que passou, foi o que eu lhe disse, mas infelizmente tal não foi possível nem a mim e nem a ôle. Foi como se, por intermédio daquele beijo, o diabo tivesse derramado veneno nos nossos corações. A partir daquela instante, outros beijos foram trocados por nós e em cada um que trocávamos o pecado ia se infiltrando na nossa carne, gota por gota. Passado quasi um ano, o inevitavel veio destruir a tranquilidade da minha vida. Vendo-me prejudicada, comecei logo a temer pelo futuro. E o pior de tudo é que Alfredo já começava a se mostrar diferente comigo e, diante dos seus sinais de cansaço, eu me vi obrigada a expor-lhe claramente a situação.

CONTROLE - ARPEJO RÁPIDO.

Flôr - (voz de mocinha) Vai sair Alfredo?

Alfredo - Vou.

Flôr - Por que não fica para conversar um pouco comigo? Eu precisava tanto falar-lhe.

Alfredo - Não posso. Prometi aos companheiros que estaria no bilhar às sete e meia e não posso faltar.

Flôr - Companheiros? E si eu lhe disser que sei de tudo?

Alfredo - (mau humor) Que é que você sabe?

Flôr - Que você arranjou uma namorada rica e já tem licença dos pais dela para frequentar a casa. Ouvi quando ~~viu~~ sua mãe, muito satisfeita, disse isso a papai.

Alfredo - E ha algum mal em que eu tenha uma namorada? Todos os rapazes tem, parece.

Flôr - Mas você está comprometido comigo, Alfredo. Então não compreende?

Alfredo - Comprometido? Ora essa é muito bôa! (xi) Comprometido por que?

Flôr - Porque... porque... Não, não adiantaria nada dizer-lhe. Você não compreenderia.

Alfredo - Bem, até logo. Eu já estou atrasado e não posso mais esperar.

CONTROLE - APELO RÁPIDO.

Flôr - (voz inicial) Vendo que a prova do meu crime se avolumava e que Alfredo se preparava para tratar casamento com outra, resolvi-me, afinal, a contar toda a verdade à minha madrasta e lhe pedir o seu auxílio. É ela, que até então fôra bôa e paciente para comigo...

CONTROLE - APELO RÁPIDO.

Madrasta - Você não tem nenhum direito de prejudicar o futuro do meu filho. Se foi leviana e sem juízo, agora só lhe resta aguentar com as consequências, sejam elas quais forem.

Flôr - (voz de moçinha) Mas eu não tive culpa. Juro-lhe que não tive.

Madrasta - É quem é que teve? Eu, por acaso?

Flôr - Ele, somente ele foi o culpado, garantindo-me que nada haveria de mal.

Madrasta - Pois é. Sempre é assim. A culpa recai, fatalmente, nos pobres rapazes, mas a verdade é que quando a moça tem juízo, essas coisas não acontecem.

Flôr - Ajude-me, por favor! (chorosa) Se papai souber... que será de mim?

Madrasta - Nem gosto de pensar. Será capaz até de matá-la.

Flôr - (desata a chorar perdidamente)

Madrasta - Vamos, vamos, pare de chorar que lágrimas, nessa altura, já não resolvem mais nada. Eu vou lhe propor um negócio, mas pare de chorar e preste atenção no que digo. (Flôr cessa o pranto mas soluça abafado de vez em quando) Eu lhe dou algum dinheiro e você foge de casa.

Flôr - Fugir?!...

Madrasta - É a única solução que encontro. Você foge, vai para qualquer lugar longe daqui e lá vai tratar de ganhar a sua vida.

Flôr - Mas sair pelo mundo assim sósinha? Isso é horrível!

Madrasta - É a melhor solução que encontro para o seu caso. Se ficar, pode bem imaginar o que será capaz de lhe acontecer. Fugindo, não. Seu pai ficaria furioso, esbravejaria, desejaria derrubar céus e terra, mas depois que passassem os primeiros momentos de cólera eu o convenceria a que lhe deixasse seguir o seu destino e estou bem cer-

ta de que acabaria por convencê-lo.

Flôr - Mas pelo amor de Deus! A senhora não seria capaz de falar com Alfredo e procurar convencê-lo de que seria...

Madrasta - (cortando, brusca) Esta é a única coisa que não farei. A menina de quem ele está quasi noivo tem uma ótima situação financeira e eu não vou concorrer para estragar o futuro do meu filho por causa da sua levisdade. Se você foi tãta ninguem tem culpa de que seja, agora, a prejudicada. Pense na minha proposta e ainda se dê por feliz de eu estar disposta a ajudá-la.

Flôr - (depois de pausa, resignada) Está bem. Já que não me resta outra solução... estou disposta a fugir.

CONTROLE - GORTINA MUSICAL VIOLENTA, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA PARA INÍCIO DO TERCEIRO ATO.

Flôr - (Voz inicial) Não encontrando outra solução para a aflitiva situação em que me encontrava, aceitei o conselho de minha madrastra e naquela mesma noite desapareci de casa, viajando pelo noturno que costumava passar na vila quasi ao romper da aurora. E enquanto tive dinheiro na mão, tratei de ganhar distancia. Finalmente, a falta de recursos me obrigou a ficar numa pequena cidadezinha chamada Bananais, onde me empreguei numa casa, como doméstica. Trabalhei alguns meses, até meu filho nascer e de então para diante a minha "via crucis" aumentou. Ninguem queria empregada com filho e eu era obrigada a fazer das tripas coração para poder manter-me e mantê-lo. Mas, ainda assim, eu vivia honestamente, dedicando-me inteiramente ao trabalho e ao meu filho. Ao fim de três anos de trabalhos e necessidades, meu filho adoeceu, repentinamente, na véspera de Natal. Uma febre louca abrazava-lhe o corpo e, no seu delírio infantil, ele me pedia, com insistência, um tamborzinho de folha. Eu não tinha um vintem, sequer, mas saí para a rua disposta a trazer-lhe o brinquedo "de qualquer maneira". Um homem gordo e careca, fitou-me de maneira estranha. Desejou-me e a ele eu me entreguei, em troca de um tamborzinho. (Lágrimas na voz) Mas

no chegar em minha casa... encontrei morto o meu filho!...

Padre - Pobre creatura! Como deves ter sofrido!...

Flôr - Terrivelmente, meu bom padre, porque não era só a falta e a saudade daquele ente pequenino que eu tanto adorava, era também a fome e o frio pela falta absoluta de trabalho. Aquele meu passo em falso, na cidade pequena, serviu para que eu passasse a ser apontada por todos como uma mulher perdida e todos me esconravam quando ia pedir-lhes trabalho. Fui então, por força absoluta das circunstâncias, obrigada a aceitar serviço numa casa de tolerância. E lá, certo dia, encontrei um poeta.

CONTROLE - RÁPIDA SEPARAÇÃO - UM HAPETEJO.

Poeta - Que silencio é este hoje aqui? Onde estão as pequenas?

Flôr - (voz de moça) Saíram. ~~XIX~~ Um amigo ofereceu-lhes uma janta no restaurante do "Barão" e elas foram todas.

Poeta - E tu? Por que ficaste?

Flôr - Para cuidar a casa. Sou empregada aqui.

Poeta - És empregada mas também te divertes nas horas vagas; não é assim?

Flôr - Não, senhor. Sujeto-me a estar aqui apenas por necessidade.

Poeta - És tão moça e tão bonita! Ganharias melhor a vida se quizesse te divertir também.

Flôr - Afianço-lhe que se assim procedesse, não faria mais do que aumentar o desprezo que já sinto por mim mesma.

Poeta - Ven cá. Por que és tão pessimista?

Flôr - Deixe-me, por favor. Já sofri muito e quero descansar.

Poeta - Está bem. Si essa é a tua vontade... segue lá o teu destino. Não pertences a essa classe de indivíduos que se compraz com a desgraça alheia.

CONTROLE - RÁPIDO HAPETEJO.

Flôr - (voz inicial) Mas no dia seguinte ele voltou e tornou a fazer-me propostas que eu recusei. E veio outra vez... outra mais e ainda mais outra... e um dia... me falou assim...

CONTROLE - RÁPIDO HAPETEJO.

Poeta - Queres casar comigo?

Flôr - Não.

Poeta - Por que? Ainda não crês que te amo?



Flôr - Creio, sim, mas... já não tenho amor para te dar.

Poeta - hei de amar-te com tal encantamento que hei de fazer com que renasça o amor em ti.

Flôr - Não creio que o consigas. Meu coração secou. E tu és bom demais para que eu te faça sofrer, mais tarde, com a minha indiferença. Busca outra que te possa amar.

Poeta - Que pena! Tão moça e assim tão fria! Para mim has de ser, de agora em diante, como uma flôr sem vida e sem perfume. Ficarás no meu peito, imperecível, como branca e insensível "Flôr de Neve".

CONTROLE - RÁPIDO HARPEJO.

Flôr - (voz inicial) Todos riram daquilo que elle disse e desde então o nome anda comigo. (Tom) Dois anos se arrastaram, lentamente, e o poeta cantando madrigais. Eu o queria bem, mas meu peito vazio não tinha mais amor para lhe dar. Era amargor que havia! Saudade e desgano, nada mais! E cada vez que elle se declarava e eu repetia a mesma ladainha, elle dizia assim...

CONTROLE - Rápida Harpejo.

Poeta - Cada dia que passa mais me certifico de que você é mesmo "Flôr de Neve". Branca, fria, insensível como ella. Sem vida... sem calor... e sem perfume!...

CONTROLE - RÁPIDO HARPEJO.

Flôr - (voz inicial) Certa tarde uma velha procurou-me, aflita e me levou ao quarto onde ella estava. Cheguei lá justamente no momento em que elle estava morrendo, mas ainda assim me reconheceu. Seus olhos se iluminaram por um último lampejo de vida e seus lábios murmuraram baixinho:

Poeta - (voz fraca, ofegante, morrendo) Flôr de Neve! Que bom que você veio! Fique com ella. Cuide-a. É minha tia e não tem mais ninguém. Só assim... você poderá sair daquele meio...

Flôr - Prometi-lhe ficar e cumpri seu desejo. Cuidei da pobre velha durante mais dois anos, até que ella se foi, deixando-me seus bens e suas joias. Vendi tudo e fugi para bem longe.

Padre - E foi então morar em Barro Azul?

Flôr - Sim. Lá fiquei muitos anos.

Padre - Vivendo sempre só?

Flôr - Inteiramente só. A lembrança da morte de meu filho e as pavorosas circunstâncias que a cercaram, deixaram uma chaga aberta no meu pobre e dorido coração. E foi então que me dediquei aos pobresinhos todos que encontrava, dando-lhes o que meu filho não tivera.

Padre - Uma nobre missão.

Flôr - Mas um dia houve alguém que me encontrou... reconheceu em mim a Flôr de Neve e novamente tive que fugir. Vim para cá na esperança, hoje frustrada, de poder esconder-me do passado. Mas ele me perseguiu e está comigo. (Pausa e tom) Ai está a minha vida, meu bom padre. Agora sabe tudo.

Padre - Sim, tudo, menos o que verdadeiramente vim aqui para saber. <sup>(T)</sup> Onde está o objeto que furtaste?

Flôr - (meio tom, para si mesma) Si a mulher não mandou me procurar é que o merino ainda não morreu.

Padre - Vamos, filha, fala. Onde está o objeto que furtaste?

Flôr - Não lhe digo, meu padre.

Padre - Mas então não compreendes que, sem achá-lo, não poderei fazer nada em teu favor? Ficarás presa aqui, pelo menos um ano.

Flôr - Não faz mal. Deixe-me aqui. Eu não direi mais nada.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM NOITE FELIZ QUE CAI PARA B/G.

Padre - (projetando) Meus queridos irmãos! Mais um Natal se aproxima e ainda uma vez aqui me encontro a apelar aos vossos corações. As crianças pobres da paróquia esperam ser lembradas, nesse dia em que Jesus nasceu para remissão dos nossos pecados!...

CONTROLE - SOBRE A MÚSICA EM FUNDO E CORTA.

Delegado - Dona Carolina Reginaldi, mandei chamá-la para lhe dar um presente de Natal. Sua pena de um ano foi cumprida e a senhora se encontra em liberdade.

CORTINA MUSICAL FORTE, FUNDINDO COM VENTO E CHUVA QUE PERMANECEM EM B/G.

Mulher - Mais!... Quem tá aqui!... Se assente, dona.

Flôr - (ofegante e cansada) Vou sentar-me, sim. Embora minha demora seja pouca... estou cansada da longa caminhada. Sua casa... é distante.

Mulher - Quê um mucadinho da tua ou mando tirá na cacimba.

Flôr - Não, obrigada. Quero apenas... descansar um pouco. Desejo voltar logo...

Mulher - Mas a chuva tá braba. A senhora num pode vortá sassim.

Flôr - Não tem importância a chuva. Soube... que o menino morreu, não é?

Mulher - Faz tempo, já. O pobrisinho. Ficô tão sastifeito com a bola que si  
nhora trouxe. Morreu com ela agarrada nas mãosinha.

Flôr - Pois só agora é que eu pude saber. Vim trazer uns brinquedos para a  
menina e pedir de volta aquela bola.

Mulher - Ôie dona: veio tanta gente aqui atraiz daquela bola que a senhora  
nem pode carculá. Mais eu num intreguei. Das veiz eu pensava anssim:  
será que a dona num vem mais? Mais dispois eu dizia: ela é de vim,  
um dia. Iseondi ela bem insecundidinha que nem as véia incontraro  
ela quando arrevistaro a casa. Tá aqui, qué vê?

CONTRA REGRA - RUIDO DE CAVAR A TERRA POR ALGUNS MOMENTOS.

Mulher - Interrei ela xxx memo aqui nesse canto do rancho. Eu mandei a menina  
muntas veiz na sua casa, mais tava sempre fechada. Dispois, um dia,  
ela veio ca novidade que a senhora tava presa, mas memo anssim eu  
pensei: tá bão, ela num é de ficá presa a vida toda. Um dia é de sai.  
E fiquei insperano.

CONTRA REGRA - CESSA DE CAVAR A TERRA.

Mulher - Tá aqui ela, ô. Ficô um mucado xuja de umidade da terra mas não se  
ditriorou.

Flôr - Dê-me aqui. Eu preciso ir embora. Mande a menina depois lá em casa  
buscar umas coisas que eu vbu embora daqui dentro de poucos dias.

Mulher - A senhora vai simhora, dona?

Flôr - Tenho que ir. Empurram-me daqui.

Mulher - Quem é o marvado que faz isso?

Flôr - O destino, minha amiga. É o destino que quer.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL FORTE, DEPOIS CESSA, PERMANECENDO CHUVA E VENTO.

CONTRA REGRA - RUIDO DE PASSOS EM TERRA MOLHADA.

Homem 1 - Diabo de tempo marvado! Havera de me pegá nêmo no caminho. É na hora  
de cumeçá a festa na Igreja é que a isoungada achô de sai mais  
forte. Uai, xente! Que diacho de cousa é aquela ali? Credo em cruz!  
É uma nué caída. Capais intê que teje morta. (chamã) Dona! Dona!

Flôr - (muito fraca) Chame... chame o vigário... depressa...

Homem 1 - O seu Vigário tá na festa de Natá, num vai pudê vim agora. Eu levo  
a senhora lá.

Flôr - Não. Deixe-me aqui e vá depressa... por favor... Diga-lhe... que achou a bola de ouro... do menino Jesus de Braga.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL COM MUSICA DANDO IDEIA DE DISPARADA. FUNDO, DEPOIS COM "NOITE FELIZ" QUE PERMANECE EM B/G.

CONTRA REGRA - PASSOS NA AGUA, ATÉ MANDAR SUSPENDER.

Altamira - A chuva parou, felizmente, mas a senhora reparou que frio está fazendo? Nunca aconteceu isto na noite de Natal, que eu me lembro. Foi sempre uma noite quente.

Bemvinda - Claro! Não é época de frio. Foi uma loucura termos vindo acompanhar o senhor vigário. Vamos piorar terrivelmente da nossa asma.

Altamira - E o homem vai tão na frente com o senhor Vigário que, praticamente, estamos sósinhas dentro da noite. Uff!... O frio parece que cada vez aumenta mais. E a gente pisando dentro d'agua.

Bemvinda - Eu tenho a impressão de que está nevando, a senhora sabe?

Altamira - Também me parece. E isso é outra coisa que nunca aconteceu aqui.

Padre - (afastado, chamando alto) Dona Bemvinda, dona Altamira, achamos. Ela está aqui.

Altamira - Óra graças a Deus! Isso já estava uma agonia que começava a fazer mal na gente. Venha por aqui, dona Bemvinda, o Senhor Vigário está nos fazendo sinal com a lanterna.

Bemvinda - (para longe) Achou a bola de ouro, senhor vigário?

Padre - (a voz se aproximando) Achei. Ainda cheguei em tempo de recebê-la das suas mãos.

CONTRA REGRA - CESSAM OS PASSOS NA AGUA.

Altamira - É ela o que disse?

Padre - Nada. Entregou-me a bola, sorria tranquilamente... e expirou. (Tom) Marciano, ilumine com a lanterna o rosto dela, para que dona Altamira e dona Bemvinda possam ver a paz que se espelha no seu rosto. (Pausa) Vejam. Vejam como repousa serena.

Altamira - Coisa extranha!... Ela está quasi totalmente coberta de neve!

Bemvinda - Eu não disse que estava nevando?

Altamira - Nunca se viu isso aqui, nem mesmo no inverno...

Padre - Não é neve apenas, minhas filhas. São flôres de neve! Flôres de Neve que o Senhor está jogando lá do céu, para servirem de mortalha a esta alma tão pura!...

CONTROLE - SOBRE HEITA FELIZ POR ALGUNS MOMENTOS, FIMDE COM SÍMOS REPICANDO  
PARA DE OIS MUNDAN COM A CARACTERÍSTICA PARA O FINAL DO 38 ATO.

DISTRIBUIÇÃO:

Flôr de Neve..... Zaira Acauan  
Padre Bernardino..... Roberto Lis  
Dona Altamira ..... Claudia Martins  
Dona Benvinda ..... Lili Ferreira  
Madalena..... Nina Rosa  
Uma dama..... Lolita Alves  
Uma menina..... Vânia Elisabeth  
Um homem..... Darcy Fagundes  
Delegado..... Darcy Fagundes  
Uma mulher..... Nina Rosa  
Alfredo..... Sergio Reis  
Nadrasta..... Rosa Maria  
Um poeta..... Wilson Fragoso  
Homem 1 ..... Darcy Fagundes

---